



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

50
1956
2006
anos

QUE VALORES PARA ESTE TEMPO?
CONFERÊNCIA GULBENKIAN

25 A 27 OUTUBRO - AUDITÓRIO 2

FÓRUM CULTURAL **O ESTADO DO MUNDO** CONFERÊNCIA DE HOMI BHABHA
ENCONTRO DE SABERES | COLÓQUIO **HOMENAGEM A REMBRANDT** | **TEMPORADA DE MÚSICA**
EXPOSIÇÕES **PEDRO CABRITA REIS** | **JOSÉ PEDRO CROFT** | **MUNDO DE SONHOS**

ÍNDICE

PRESIDÊNCIA / ADMINISTRAÇÃO

5ª ENCONTRO DO PARLAMENTO CULTURAL EUROPEU.....	2
ACADEMIA DE VERÃO, CENTRO EUROPEU DE FUNDAÇÕES.....	3

DESTAQUE

QUE VALORES PARA ESTE TEMPO?.....	4
TERRORISMO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	5

ACTUALIDADE NA FUNDAÇÃO

TEMPORADA DE MÚSICA – I LET THE MUSIC SPEAK.....	6
FESTIVAL ATLANTIC WAVES.....	7
PEDRO CABRITA REIS.....	8
JOSÉ PEDRO CROFT.....	8
MUNDO DE SONHOS.....	9
COLÓQUIO REMBRANDT.....	10
SANCHO SILVA EM BERLIM.....	10
ENCONTRO DE SABERES.....	11
LANÇAMENTO DO ESTADO DO MUNDO.....	12
RÓMULO DE CARVALHO REEDITADO PELA FUNDAÇÃO.....	12
FÓRUM IMIGRAÇÃO – 12 REALIZADORES ENTRE NÓS.....	13
TALENTOS DA MATEMÁTICA.....	16
SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE BIBLIOTECAS ESCOLARES.....	16
A CIÊNCIA E A CIDADE.....	17
BREVES.....	18
NOVOS PRODUTOS.....	19

UM ROSTO DA HISTÓRIA

MARIA JOÃO ESTÉVÃO.....	20
-------------------------	----

UM ROSTO DA GESTÃO DAS ARTES

MARIA ANA CARNEIRO.....	21
-------------------------	----

UMA OBRA DO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

ESTATUETA DE BÉS, EGÍPTO.....	22
-------------------------------	----

UMA OBRA DO CAMJAP

JOSÉ PEDRO CROFT, S/ TÍTULO.....	23
----------------------------------	----

UMA OBRA DA BIBLIOTECA DE ARTE

A GRAMMAR OF JAPANESE ORNAMENT AND DESIGN.....	24
--	----

AGENDA

.....	25
-------	----

PUBLICAÇÕES

.....	27
-------	----

MEMÓRIA

.....	28
-------	----

NEWSLETTER Nº 77. OUTUBRO. 2006

ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação da Fundação Calouste Gulbenkian

Av. de Berna, 45 A – 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00, fax 21 782 30 27
info@gulbenkian.pt, www.gulbenkian.pt

COLABORAM NESTE NÚMERO

Ana Barata [Uma Obra da Biblioteca de Arte] | Lígia Afonso [Uma Obra do CAMJAP]
Maria Rosa Figueiredo [Uma Obra do Museu Gulbenkian]

REVISÃO DE TEXTO

Rita Veiga
José Teófilo Duarte | Eva Monteiro [DDLX]

CAPA Imagem de Eduardo Aires

IMPRESSÃO Euroscanner

TIRAGEM 9000 exemplares

PRESIDÊNCIA / ADMINISTRAÇÃO

5º ENCONTRO DO PARLAMENTO CULTURAL EUROPEU PODE A CULTURA FOMENTAR A ECONOMIA?

Os membros do Parlamento Cultural Europeu (PCE) reuniram-se na cidade finlandesa de Turku, de 15 a 17 de Setembro, para discutir o papel criativo da cultura na competitividade europeia. Neste 5º encontro do PCE, o presidente da Fundação Calouste Gulbenkian foi uma das 90 personalidades, representando quase 40 países, que contribuíram para a reflexão. Defendendo que a cultura pode contribuir para incentivar as mudanças necessárias, o PCE apresentou um pacote de medidas capazes de dinamizar a economia europeia. O PCE tem vindo a desafiar políticos e economistas a encontrarem meios alternativos que tornem a Europa mais competitiva, perante os reduzidos avanços da Agenda de Lisboa. Esta estratégia foi delineada em 2000, com vista a tornar o continente europeu na economia mais competitiva do mundo, baseada no conhecimento, até 2010, mas não tem conseguido cumprir os objectivos traçados. Neste fórum estiveram ainda em debate: a *Liberdade cultural e os valores religiosos*, com introdução de Laura Freixes e Mikael Kosk; o *Diálogo intercultural europeu* que incluiu a exibição das curtas metragens *Entre Nós* produzidas para o Fórum Gulbenkian Imigração; e, com Jörn Donner e Heidi Hautala, o tema *Cultura e política: poderão encontrar-se?* ■

CENTRO EUROPEU DE FUNDAÇÕES ACADEMIA DE VERÃO

A Fundación Pedro Barrié de la Maza, em Vigo, foi o local escolhido pelo Centro Europeu de Fundações para a realização da sua Academia de Verão, nos últimos dias de Agosto. Emílio Rui Vilar foi um dos participantes convidados a intervir no encontro com uma comunicação intitulada “Fundação Calouste Gulbenkian – perpetuidade e aptidão à mudança”. Depois de um breve historial da instituição, onde foi salientada a reforma estrutural/financeira efectuada e a abertura do conselho de administração a administradores não executivos, o presidente da Fundação destacou as estratégias adoptadas para ultrapassar as “resistências à mudança”, com particular incidência no lançamento de Programas Gulbenkian inovadores e de cruzamento de vários saberes, mais horizontais e com equipas mais flexíveis. As novas áreas de intervenção, ambiente e imigração, bem como o desenvolvimento de projectos “replicáveis” por outras entidades (como o reconhecimento de competências de médicos imigrantes), constituem exemplos de iniciativas levadas a cabo pela Fundação. A aposta em novas cooperações e parcerias, o aprofundamento do trabalho em rede mas também uma maior abertura aos fóruns internacionais, foram objectivos apontados por Emílio Rui Vilar como meios para ultrapassar positivamente as resistências e enfrentar os desafios do futuro. ■



CONFERÊNCIA GULBENKIAN

QUE VALORES PARA ESTE TEMPO?

Em ano de comemorações, a Conferência Gulbenkian 2006 propõe uma reflexão sobre a crise geral de sentido na sociedade contemporânea. “Que Valores para Este Tempo?” será a questão orientadora do debate, com a participação de alguns dos mais reputados pensadores a nível internacional. A conferência, desenhada nas suas linhas fundamentais por Fernando Gil, e comissariada por Daniele Cohn, tem lugar de 25 a 27 de Outubro, no Auditório 2 da Fundação.

O programa organiza-se em torno de temas como “Um mundo em crise”, “Valores cognitivos: conhecimento científico e filosófico”, “Valores estéticos: a arte e o seu público” e “Valores éticos e políticos”.

Robert Kagan, *senior associate* da Carnegie Endowment for International Peace e colunista no *Washington Post* dará uma conferência sobre o “Fim da História?”.

Robert Kagan é visto como uma das personalidades mais

influentes na política interna norte-americana e esteve no Departamento de Estado como membro da equipa de planeamento político. O administrador da Fundação e ensaísta Eduardo Lourenço, Hubert Damisch, filósofo e historiador de Arte, e Jean Petitot, director do Centre d’analyse et de mathématique sociales da École des Hautes Études en Sciences Sociales, de Paris, são também nomes que integram o painel de convidados. Na sexta-feira, John Keane, professor de Política na Universidade de Westminster e na Wissenschaftszentrum Berlin e fundador do Centre for the Study of Democracy, vai reflectir sobre “Democracia, valores, pluralismo e responsabilidade”. Destaque ainda para Jean-Pierre Dupuy. Neste último dia, o professor de Filosofia Social e Política, investigador no centro Study of Language and Information da Universidade de Stanford, falará sobre a “Responsabilidade face ao futuro”. A entrada é livre. ■

DESTAQUE

Perante a angustiante “situação espiritual do nosso tempo”, diagnosticada há já muitos anos por Max Scheler, e ainda porque se trata de um ano-aniversário da Fundação, parece oportuno interrogarmo-nos sobre o que se pode chamar, sem exagero, uma crise geral do sentido. Ela acha-se declarada nas várias declinações da temática do “fim”, por importantes pensadores da segunda metade do século XX. Assim, falou-se do fim do sujeito (ou até do homem), da verdade (não só da “metafísica”, mas das próprias ciências), da História ou da beleza. É significativo que estes termos recubram os sistemas de valores sobre os quais o Ocidente se construiu, a partir da sua herança grega e cristã. Platão designou-os por Verdadeiro, Belo e Bem – e encontramos-los também nas finalidades estatutárias da Fundação Calouste Gulbenkian. A crise manifesta-se diversamente conforme as diversas esferas de sentido. Contudo, elas apresentam em comum estarem minadas, se não paralisadas, por descontinuidades, rupturas aparentemente insanáveis que as palavras “crise” e “fim” por si só evidenciam. A crise do sentido é o somatório de muitas rupturas com tradições que se construíram durante séculos. Por certo, a História atesta também que houve sempre descontinuidades e novidade (a invenção e a inovação são também descontinuidades); mas é característico do nosso tempo que as rupturas se façam em relação ao próprio substrato “platónico” do agir e do pensar. Aquilo que se pretende destituir é a verdade ou o belo enquanto tais, e por isso falamos de crise geral do sentido e dos valores. Num outro plano, os grandes desastres humanos do século XX afiguram-se também qualitativa-

mente diferentes das guerras e massacres anteriores. A temática do “fim” não é um capricho niilista de alguns filósofos ou um efeito de moda, mas uma interpretação legítima do devir da sociedade e do pensamento. É no meio dela que nos encontramos, e cabe-nos perguntar como a superar, para não ser a crise a submergir definitivamente o homem. A pergunta será então: possuímos meios, instrumentos, capazes de efectuar tal superação? É-nos possível descortinar outros valores que estabeleçam pontes entre domínios que nos aparecem como desconexos, exibir continuidades internas a cada esfera de sentido (cognitivo, ético-político, estético), aproximando termos opostos, e revelar talvez afinidades entre o Verdadeiro, o Bem e o Belo?

A única resposta é que a procura desses novos valores e de continuidades insuspeitadas – só há sentido onde existe continuidade – é uma tarefa desesperadamente urgente. Não há alternativa. Felizmente, os desenvolvimentos das ciências e das artes e uma consciência social e política que pouco a pouco se elabora contra o pano de fundo da crise (ela é requerida por esta) permitem-nos, sem voluntarismo nem *wishful thinking*, alimentar a esperança de se chegar ao fim do túnel. Os tópicos indicados não são evidentemente os únicos que conviria tratar. Mas, na sua aparente abstracção, subjazem a outros aspectos de uma mesma realidade (um dos propósitos da Conferência é evidenciá-lo) e em todos eles caminhos novos sugerem algumas saídas. São elas que queremos sublinhar. ■

Fernando Gil

PROGRAMA

25 DE OUTUBRO

10H00 Sessão de Abertura

Emílio Rui Vilar, *Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian*
Aníbal Cavaco Silva, *Sua Excelência o Presidente da República*

CONFERÊNCIA

Eduardo Lourenço

15H00 UM MUNDO EM CRISE

Paulo Tunhas, *Presidente*

Fim do sujeito? Patrick Nerhot, *Università di Torino*

Fim da racionalidade? Jean Petitot, *Crea*

[Intervalo]

Fim da verdade? Jacques Bouveresse, *Collège de France*

Fim da beleza? Hubert Damisch, *EHESS*

18H30 CONFERÊNCIA

António José Teixeira, *Presidente*

Fim da história? Robert Kagan,

Carnegie Endowment for International Peace

26 DE OUTUBRO

10H00 VALORES COGNITIVOS: CONHECIMENTO CIENTÍFICO

E FILOSÓFICO

António Coutinho, *Presidente*

Reconstrução da objectividade

Maria Dalla Chiara, *Università degli Studi di Firenze*

A redescoberta filosófica do natural

Zenon Pylyshyn, *Rutgers University*

Representações dos vivos num mundo de artefactos

biológicos Henri Atlan, *EHESS*

15H00 VALORES ESTÉTICOS: A ARTE E O SEU PÚBLICO

Hans Belting, *Presidente*

A importância da excelência artística

Jerrold Levinson, *University of Maryland*

A avaliação estética: gosto e verdade

Joseph Margolis, *Temple University*

[Intervalo]

Filogénese do belo François-Bernard Mâche, *Compositeur, EHESS*

A parte mítica da arte: razão e “arcaísmo”

Philippe Dagen, *Sorbonne Paris 1*

27 DE OUTUBRO

09H30 VALORES ÉTICOS E POLÍTICOS: RESPONSABILIDADE

Jorge Sampaio, *Presidente*

Democracia, valores, pluralismo e responsabilidade

John Keane, *Westminster University*

Vida, morte, tecnologia

João Lobo Antunes, *Instituto de Medicina Molecular*

[Intervalo]

Moralizar a globalização David Gordon, *Ludwig von Mises Institute*

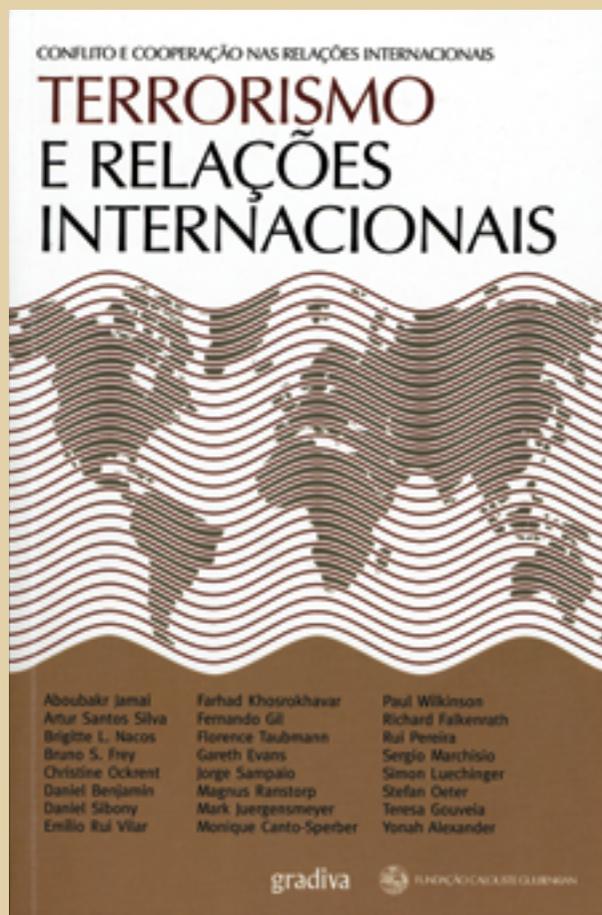
Responsabilidade face ao futuro

Jean-Pierre Dupuy, *Stanford University*

12H30 Sessão de Encerramento

Emílio Rui Vilar, *Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian*

Daniele Cohn, *Comissária da Conferência, EHESS*



TERRORISMO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

As intervenções da Conferência do ano passado **Terrorismo e Relações Internacionais**, inserida no ciclo *Conflito e Cooperação nas Relações Internacionais*, estão publicadas em livro com o mesmo título. Editado em conjunto pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Gradiva, *Terrorismo e Relações Internacionais* tem introdução de Emílio Rui Vilar, presidente da Fundação e conclusões do falecido filósofo Fernando Gil. Este livro contém ainda textos de Jorge Sampaio, anterior Presidente da República, Gareth Evans, Paul Wilkinson, Aboubakr Jamaï, Daniel Sibony e Sergio Marchisio, entre outros. O livro encontra-se à venda nas versões portuguesa e inglesa (Editora Johns Hopkins) pela quantia de 15€. ■

ABBA REVISITADO ABRE TEMPORADA DE MÚSICA



Deutsche Grammophon

Anne Sofie von Otter

A sueca Anne Sofie von Otter é a voz da abertura da Temporada de Música Gulbenkian 2006/07. A meia-soprano vem à Fundação, a 4 de Outubro, mostrar o seu recente trabalho, *I Let the Music Speak*, álbum em que reveste temas dos conterrâneos ABBA. Do grupo de Anni-Frid, Agnetha, Benny e Björn, lançado nos anos 70, mantêm-se as letras e a frescura. Novidade nestas versões são os retoques pop, jazz, folk e clássicos de Anders Eljas e Georg Wadenius. Com o título de uma das canções mais famosas dos ABBA, o projecto foi editado a 28 de Agosto. Além de “I Let the Music Speak”, reúne “I am just a Girl”, e “The Winner Takes it All”, entre outros temas. Depois da colaboração com Elvis Costello, em “For the Stars”, este é o segundo trabalho em que a cantora explora a música popular. Versátil, Anne Sofie von Otter explica assim o seu gosto pela música dos ABBA, numa entrevista ao suplemento “Actual” do Expresso: “É isto que me atrai nas canções dos ABBA. Histórias comuns, cheias de verdade, contadas com simplicidade através de melodias que vão direitas ao coração. Gosto de as cantar com a minha voz natural.”

14 ESPECTÁCULOS EM OUTUBRO

A Anne Sophie von Otter segue-se, no dia 10, o primeiro concerto do ciclo Grandes Orquestras Mundiais, com Frans Brüggen a dirigir a Orquestra do Século XVIII, num programa dedicado a Mozart. Nos dias 12 e 13 regressa a violinista Viktoria Mullova, acompanhada pela Orquestra Gulbenkian, dirigida por Lawrence Foster, interpretando obras de Zoltán Kodály, Bela Bartók e Joly Braga Santos. O ciclo de Música Antiga traz ao Grande Auditório, no dia 15, a Orquestra Barroca da União Europeia, com o maestro e violoncelista Christophe Coin e o violinista Lidwijn van der Voort. Barbara Hendricks actua no dia 17 com o pianista Love Derwinger, num programa de *lied* e *mélodie*. Os concertos de Orquestra Gulbenkian dirigidos pelo seu maestro titular com Elena Bashkirova (piano), David Lefèvre (violino) e Pedro Ribeiro (oboé), a realizar nos dias 19 e 20, vão ser pretexto para duas acções do programa Descobrir a Música na Gulbenkian: na manhã do dia 20, Concertos Comentados para Jovens e, no dia 21 à tarde, Concertos para a Família. O Coro Gulbenkian assinala, no dia 21, o centenário do nascimento de Fernando Lopes-Graça, num programa dirigido por Jorge Matta. O mês de Outubro será ainda marcado pela presença de Daniel Barenboim no Grande Auditório para interpretar, ao piano, o triplo concerto de Beethoven, com Micael Barenboim (violino) e Kyril Zlotnikov (violoncelo). O pianista Evgeni Kissin, no dia 30, e o barítono Matthias Goerne, no dia 31, são os últimos intérpretes do mês de Outubro de uma temporada que decorre até Junho de 2007. ■



Frans Brüggen



Decca | Simon Fowler

Matthias Goerne

ATLANTIC WAVES

ONDAS ATLÂNTICAS
EM FESTIVAL LONDRINO



Sara Tavares



Madredeus



Pedro Carneiro

A música experimental e os sons africanos estão em destaque na edição de 2006 do Festival Atlantic Waves, organizado pela delegação da Fundação Calouste Gulbenkian no Reino Unido. De 2 a 30 de Novembro, o festival apresenta um programa com várias estreias mundiais ou em território britânico, em parceria com a Como No!, Serious, London Jazz Festival em colaboração com a BBC Radio 3, Heatwave 2006, KCPA e [no.signal]. Salas londrinas de grande prestígio, como o Royal Albert Hall, South Bank Centre, Barbican, Union Chapel, The Spitz e St Giles Cripplegate, abrem portas à iniciativa, que procura promover a diversidade e a excelência musical: este ano haverá *throat singing* (canto politónico) de diversas regiões do globo, *beat* vocal, novo fado, música experimental, música erudita e improvisação. Além dos artistas portugueses, o Atlantic Waves 2006 convida artistas do Reino Unido, Alemanha, Dinamarca, Canadá, EUA, Brasil, Cabo Verde, Angola, Madagáscar, Tuva, Coreia do Sul, Japão e Austrália. ■

Programa disponível em www.atlanticwaves.org.uk



Victor Gama



A FUNDAÇÃO POR PEDRO CABRITA REIS

A instalação que o artista Pedro Cabrita Reis prepara desde o mês de Julho no Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão (CAMJAP) estará pronta no dia 15 de Outubro. Intitulada “A Fundação”, a peça, de grandes dimensões, está a ser construída a partir de materiais depositados em armazém, pretendendo assinalar os 50 anos da instituição. A obra vai ocupar o espaço da colecção permanente do CAMJAP até finais de Abril de 2007. A foto regista uma fase do processo de criação da obra e que o público tem vindo a acompanhar, uma vez que é permitida a circulação no espaço expositivo. Um conjunto de pinturas do artista da série White Room serão também expostas na sala de entrada do CAMJAP. ■

JOSÉ PEDRO CROFT NO CENTRO DE ARTE MODERNA

11 de Outubro de 2006 a 7 de Janeiro de 2007

Sala de Exposições Temporárias

do Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão

Em Abril de 1994, José Pedro Croft apresentou, no Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, uma exposição que reunia duas esculturas e uma série de gravuras, executadas pelo artista nas famosas oficinas de Tristán Barbara.

Num breve prefácio a esta exposição escrevi “que o percurso deste escultor traduz uma trajetória em que se vai desembaraçando de tudo aquilo que possa perturbar o seu trabalho...” e, creio agora, 12 anos depois, que esta observação se aplica ao modo como a sua obra se tem vindo a desenvolver.

Talvez se trate menos de se desembaraçar de coisas do que de procurar uma espécie de modos essenciais de ser.

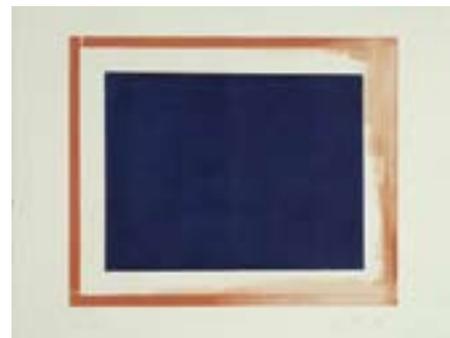
E, no entanto, o peso da presença da obra cresce, como uma complexidade que deixasse mais transparecer,

em simultâneo, o lado material e o lado espiritual do seu trabalho. É nessa contradição e reunião de extremos, nesse jogo que move o simples e o complexo, o material e o imaterial, que a obra encontra o seu poder de encantamento, a sua força e o seu modo.

José Pedro Croft vai agora mostrar no mesmo sítio gravuras de produção recente, feitas no mesmo sítio e com o mesmo mestre impressor. As formas e as cores mudaram por completo: a cor ocupou o centro do trabalho, é nela ou nelas que agora se engendra a sua existência numa relação igualmente essencial e tensional com o tamanho, com a dimensão. As gravuras, especialmente as de grande dimensão, deixam ver esta subtil e sábia forma de um fazer artístico, onde, como atrás se referiu, um jogo que move cores e formas está a acontecer. As de mais pequeno tamanho agem de igual modo, por isso, aqui, a atenção precisa deve redobrar.

A obra escultórica de José Pedro Croft é inquestionável e ninguém duvidará em encontrar aí a matriz da sua arte. Contudo a sua outra obra, quer como desenho, quer como gravura, é igualmente importante e autónoma. E esta exposição deixa bem claro este último ponto. ■

Jorge Molder, director do CAMJAP





Hashiguchi Goyo, *Mulher a pentear o cabelo*, Japão, 1920

MUNDOS DE SONHO

GRAVURAS JAPONESAS MODERNAS DA COLECÇÃO ROBERT O. MULLER NO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

A exposição *Mundos de Sonho* apresenta uma selecção de quase cem gravuras japonesas, obras-primas da célebre colecção Robert O. Muller da Arthur M. Sackler Gallery, de Washington. Doada à Sackler Gallery após a morte do coleccionador, em 2003, possui mais de quatro mil gravuras, documentando os modos como as qualidades expressivas e funções da gravura tradicional japonesa em madeira se adaptaram aos desafios da modernidade em finais do século XIX e início do século XX.

A exposição contém alguns dos mais notáveis exemplos de trabalhos dos artistas do *shin hanga* ou movimento “nova gravura” distribuídos por quatro núcleos, em função da temática representada: personificação da beleza, os seres reais e imaginados, presenças em palco e os valores da luz. A mostra inclui também algumas matrizes de madeira e exemplos das várias fases do processo criativo de uma estampa, reflectindo o fascínio do coleccionador pelo processo técnico.

Aproveitando a ocasião, foi seleccionado um conjunto

de sete estampas, uma pequena mostra do núcleo de estampas japonesas reunido por Calouste Gulbenkian, dos séculos XVIII e XIX, integradas na escola *ukiyo-e* “imagens do mundo efémero ou flutuante”, que, por razões de conservação, se encontra normalmente em reserva. Trata-se assim de uma oportunidade de divulgar este núcleo da Colecção estabelecendo um diálogo entre a gravura tradicional japonesa e as novas abordagens estilísticas dos artistas do século XX.

26 de Outubro de 2006 a 7 de Janeiro de 2007

Sala de Exposições Temporárias do Museu

COLÓQUIO VISÍVEL INVISÍVEL HOMENAGEM A REMBRANDT

30 e 31 de Outubro
Fundação Calouste Gulbenkian
Sala 1

No ano das comemorações dos 400 anos do nascimento de Rembrandt, o Museu Calouste Gulbenkian realiza um colóquio multidisciplinar dedicado ao grande artista holandês do séc. XVII e ao seu tempo. Coordenada por Carlos Couto Sequeira Costa, a iniciativa contará com a participação de diversos especialistas nacionais e estrangeiros, nomeadamente Tzevetan Todorov, Mario Perniola, Victor Stoichita, Johannes Stückelberger, Rui Vieira Nery, Mário Jorge Torres, Eduardo Batarda e Carlos Couto Sequeira Costa. ■

30 DE OUTUBRO VISÍVEL INVISÍVEL OU AS LEITURAS DA ALMA

10H30 ABERTURA

10H45 A MÚSICA EM SI OU O CADÁ/VER DA CRIAÇÃO METAFÍSICA DE REMBRANDT

Carlos Couto Sequeira Costa,
Universidade de Lisboa/Filosofia Estética

11H45 “LA MANIERA NERA” DE REMBRANDT

Mario Perniola, Universidade de Roma, Tor Vergata

15H00 CINEMA E BARROCO

Mário Jorge Torres, Universidade de Lisboa

16H00 REMBRANDT AS A MODERN ARTIST

Johannes Stückelberger,
Universidade de Basileia / Universidade de Friburgo



31 DE OUTUBRO HISTÓRIA E RACIONALIDADE DO BARROCO / MÚSICA TEXTO IMAGEM

10H30 TEMAS CLÁSSICOS E TEMAS BÍBLICOS EM DESENHOS E PINTURAS DO SÉCULO XVII

Eduardo Batarda, Escola Superior de Belas Artes do Porto

11H30 REMBRANDT E A MÚSICA BARROCA DE SEISCENTOS

Rui Vieira Nery, Serviço de Música, Fundação Calouste
Gulbenkian / Universidade Nova de Lisboa

15H00 PEINDRE LE PASSAGE. AUTOPORTAITS ET AUTOBIOGRAPHIE CHEZ REMBRANDT

Victor Stoichita, Universidade de Friburgo

16H00 REMBRANDT ET LA REPRÉSENTATION DU QUOTIDIEN

Tzevetan Todorov, Professor convidado nas Universidades
de Harvard, Yale e Columbia

SANCHO SILVA EXPÕE EM BERLIM

Cyclope é o título da exposição do artista plástico português Sancho Silva, a decorrer desde o final de Setembro e até 15 de Outubro, em Berlim. A terminar o programa de residência artística e *workshop* na Künstlerhaus Bethanien, Sancho Silva expõe de novo os seus trabalhos na Alemanha. No mês de Julho, o Staatliches Museum de Schwerin mostrou *Kunstgriff*, um projecto *site-specific* de reconfiguração da arquitectura, do espaço e da percepção do espectador. O artista entende que “o espaço pode ser visto como uma máquina que tudo abrange, feita de componentes instáveis que emanam de diferentes períodos históricos e estratégias políticas”. Sancho Silva é licenciado em Matemática Pura, é mestre em Filosofia

e fez a sua formação artística entre Lisboa e Nova Iorque. A bolsa João Hogan de residência artística na Bethanien de Berlim tem a duração de um ano e foi iniciada em 1999 pela Fundação Gulbenkian; está integrada no programa de concessão de bolsas de estudo para realização de estágios e de “residências artísticas” em áreas consideradas prioritárias e inovadoras, em instituições estrangeiras de reconhecido prestígio. Criada a partir do legado do pintor e em sua homenagem, tem obtido um sucesso assinalável, permitindo o trabalho de jovens artistas portugueses que prosseguem hoje uma notável carreira profissional, de reconhecido mérito internacional. ■

ENCONTRO DE SABERES

Inserido nas comemorações do cinquentenário da Fundação Calouste Gulbenkian, o livro *Encontro de Saberes* reúne textos de três gerações de bolseiros. Realizado por alguns dos antigos e actuais bolseiros e coordenado por Ana Tostões, E. R. de Arantes e Oliveira, J. M. Pinto Paixão e Pedro Magalhães, este livro abrange saberes diversificados da actividade científica de cada um dos participantes. Saberes esses que “são levantados e sugeridos como desafios à reflexão dos investigadores, estudiosos e criadores, com vista à reunião de um volume capaz de cruzar olhares”, refere Ana Tostões na introdução do livro.

“Uma visão das actividades, inquietações e desejos de três gerações de bolseiros” é-nos oferecida neste livro, acrescenta Ana Tostões.

Os temas foram escolhidos segundo três critérios: o interesse que detinham para os debates teóricos, a sua importância pública, política e social e a possibilidade de poderem ser analisados de forma multidisciplinar. “Natureza e Cultura”, a primeira temática do livro, contou com a participação de Luís Soczka, Carlos Almaça, Sara Ibérico Nogueira, Elsa Lechner, Teresa Joaquim e Daniel Tércio.

“Comunidade, Espaço e Cidadania” tem textos de Manuel da Costa Lobo, Carlos Fortuna, Teresa Heitor



e João Lima Pinharanda. Luiz Oosterbeek, Ana Firmino, Artur Rosa Pires, Pedro Carneiro e Nuno Portas colaboraram no capítulo dedicado à “Sustentabilidade”. “Ciência e Sociedade” esteve a cargo de Ana Simões, António Fernando Cascais, Manuel Mira

Godinho, Luís Nunes Vicente, João Goulão Crespo, Maria de Sousa, e João Lavinha.

O quinto tema, intitulado “Paz e Segurança”, contou com Bernardo Futscher Pereira, Maria do Céu Pinto, Maria do Céu Costa e Pedro Veiga.

Carlos Matias Ramos, Júlio M. Montalvão e Silva, António Ribeiro, Carmen Diego Gonçalves, Guilherme Gonçalves e José Bragança de Miranda realizaram “Incerteza e Riscos”.

Por fim, de “Fronteiras e Limites” fizeram parte João Pedro de Oliveira, João Resina Rodrigues, Olga Pombo, Paulo Gali Macedo e Maria do Céu Patrão Neves.

A sessão de lançamento realiza-se no dia 16 de Outubro, pelas 18h00, na Fundação Calouste Gulbenkian. ■

O ESTADO DO MUNDO EM LIVRO

O livro *O Estado do Mundo* é apresentado no dia 12 de Outubro, às 18h30, na abertura do Fórum Cultural com o mesmo nome, integrado nas comemorações do cinquentenário da Fundação Calouste Gulbenkian. Nesta sessão, o professor de Literatura Inglesa e Americana e de Estudos Afro-Americanos na Universidade de Harvard Homi K. Bhabha, dará a conferência inaugural.

A obra, com uma edição em português e outra em inglês, tem contribuições de vários intelectuais, filósofos, historiadores, um artista plástico e um poeta. Nela participam Carlos Pacheco, Colin Richards, Ghassan Zaqtan, João Barrento, John Frow, Moira Simpson, Paul Gilroy, Peter Sloterdijk, Rosângela Rennó, Santiago Kovadloff, Surendra Munshi e Wang Hui.

“Como cidadãos do mundo que são, a nenhum preocupa a localidade onde vive, o seu país, a sua casa, a sua religião, o seu prazer pessoal”, escreve o presidente da Fundação, Emílio Rui Vilar, no prefácio da obra.

“Preocupam-se – e alertam-nos, caso fosse necessário – para as consequências das guerras que estão a acontecer e as que porventura se avizinham, o agravamento das assimetrias, como a parte mais negativa da globalização, e os vários modos de violência que surgem no Mundo actual. A todos é comum a denúncia da injustiça e de que é imperativo que algo mude.” No entanto, apesar do “estado de ruínas” anunciado, “estes autores fazem-nos crer que, de entre a desordem, a esperança é a alternativa”.



A palestra de Homi Bhabha e o lançamento do livro são um primeiro momento na programação de “O Estado do Mundo”. A iniciativa pretende ser “um lugar de desafio ao futuro, um lugar de problematização da produção cultural, (...) um lugar de emergência do novo cultural a partir da discussão, em plataformas, de problemas culturais e da apresentação de um programa complementar de espectáculos, de exposições e de cinema como casos exemplares do Estado do Mundo actual”, explica, na obra, António Pinto Ribeiro, coordenador do Fórum. Até 2007, o programa mobiliza pensadores, artistas e curadores internacionais para uma série de espectáculos, exposições, edição de livros, um ciclo de cinema e conferências internacionais. ■

RÓMULO DE CARVALHO REEDITADO PELA FUNDAÇÃO

No ano em que se comemora o cinquentenário do nascimento de Rómulo de Carvalho, a Fundação Gulbenkian reeditou *O texto poético como documento social*, da autoria do professor e poeta. Com prefácio do autor datado de 1994, três anos antes da sua morte, o livro apresenta dezenas de textos poéticos ao longo do tempo, desde as cantigas dos cancioneiros galaico-portugueses até ao período anterior à revolução de 25 de Abril de 1974. Rómulo de Carvalho escreve no prefácio: “[Nesta obra] pretende o autor erguer, aos olhos do leitor, a pessoa do poeta como um ser atento aos acontecimentos que o rodeiam, e envolvem, no ambiente social em que o poeta se movimenta. Não é esta, normalmente, a imagem

que se retém de um poeta, mas a de um ser de excepção, como ele próprio, muitas vezes, procura definir-se, atribuindo sentidos ocultos às palavras que selecciona para os seus poemas e alinhando-as na superfície do papel branco como expressão sobrenatural de um estado de transe. Esta será uma forma limite do conceito de ‘poeta’ que o distancia do seu ambiente social e dele o alheia.” Rómulo de Carvalho / António Gedeão editou o seu primeiro livro de poemas em 1956, ano do nascimento da Fundação Gulbenkian, intitulado *Movimento Perpétuo*. Nasceu a 24 de Novembro de 1906, na lisboeta freguesia da Sé, e morreu a 19 de Fevereiro de 1997, em Lisboa. A obra será lançada durante o mês de Novembro. ■

FÓRUM GULBENKIAN IMIGRAÇÃO

OS IMIGRANTES

ENTRE NÓS

Desde 4 de Setembro e até 4 de Outubro, o Fórum Gulbenkian Imigração apresenta a instalação multimédia “Entre Nós”. São doze curtas-metragens, para ver em doze locais diferentes da Fundação, que mostram visões distintas e não estereotipadas do que é o imigrante e de como está enquadrado na realidade nacional. Foi este o repto lançado a uma dezena de ex-alunos do Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística e aos realizadores Catarina Alves Costa e Sérgio Tréfaut. O resultado está em projecção em diferentes suportes audiovisuais, nos espaços públicos da Fundação, do jardim japonês ao Grande Auditório, e nas zonas de acesso condicionado, como os Serviços Centrais ou a sala de espera do gabinete da Presidência. ■

O DESTERRADO, ANDRÉ GODINHO

O ucraniano Andriy Romashov, natural da Rússia, vive em Portugal há cinco anos, onde trabalhou na construção civil. Nesta curta-metragem, vemo-lo a imitar uma estátua de Soares dos Reis, assumindo uma posição icónica nacional. Sentado, de pernas e mãos cruzadas, fica a estranheza do seu corpo a representar uma figura portuguesa.

ALL THE BUILDINGS IN NEW YORK, ANDRÉ PRÍNCIPE

Um cidadão americano questiona um antigo imigrante ilegal sobre a sua experiência. Aqui o realizador é protagonista, assumindo o seu passado de imigração nos EUA, onde esteve de Novembro de 2002 a Janeiro de 2004. Sem enfatizar a sua experiência pessoal, André Príncipe subverte o pensamento estereotipado sobre os imigrantes. Além de retratar o carácter universal da imigração, o realizador relativiza a noção de espaço físico e fronteiras e fala na urgência de “recuperar o poder de morrer onde se quiser”.



Aeroporto, Leonor Noivo

YURIY, TIAGO AFONSO

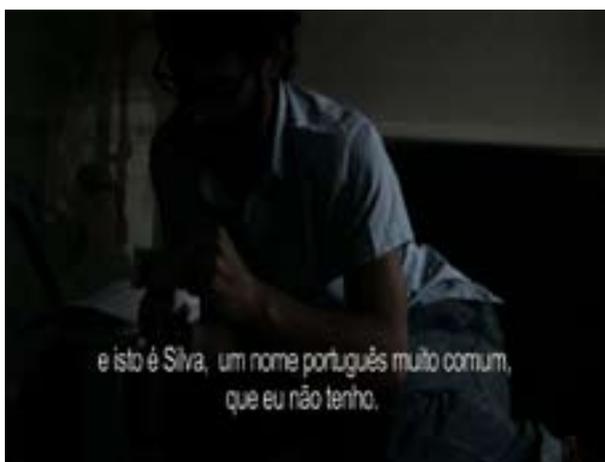
Nasceu no Cazaquistão e está em Portugal há seis anos. Yuriy vive com uma portuguesa, professora universitária, e ambos ajudam imigrantes recém-chegados nos processos de legalização, dando-lhes a conhecer os seus direitos laborais. Em *off*, ouve-se a sua voz, enquanto se sucedem planos de trabalhadores estrangeiros em fábricas de automóveis nacionais. Num discurso lúcido e muito crítico, Yuriy narra a “exploração” que o patronato faz do imigrante em Portugal, concluindo que “o país não poderá evoluir enquanto o lucro for o objectivo único do patrão português”.

SEM NOME, CÁTIA SALGUEIRO

A acção desenrola-se num apartamento perto de Cascais e retrata a vida quotidiana de uma empregada brasileira que cuida de três crianças portuguesas. Marcela, assim se chama a personagem, cuida de crianças para poder enviar dinheiro aos seus filhos no Brasil.



Yuriy, Tiago Afonso



All the buildings in New York, André Príncipe



Sem Nome, Cátia Salgueiro



Chapa 23, José Filipe Costa

Cátia Salgueiro vê os imigrantes como pessoas corajosas, com uma enorme vontade pessoal e que, ao sair do seu país em busca de uma vida melhor, deixam a sua cultura e as suas raízes. Esta curta-metragem, gravada durante os meses de Junho e Julho, mostra a luta que alguns imigrantes travam para verem os seus sonhos concretizados.

CHAPA 23, JOSÉ FILIPE COSTA

Filmada durante o mês de Julho na delegação de Lisboa do Instituto de Medicina Legal, esta curta-metragem apresenta-nos uma realidade crua e dura.

Feita a partir de fotografias de imigrantes mortos e contendo uma sequência de identificação de cadáveres, José Filipe Costa procurou demonstrar que a discriminação também pode continuar na morte, já que grande parte dos imigrantes não são reclamados, prolongando a sua exclusão social. O realizador considera que a necessidade de imigrar pode acontecer a qualquer um, mas que pode também gerar tensões, conflitos e choques entre culturas, resultando em intolerância.

AEROPORTO, LEONOR NOIVO

Leonor Noivo acredita que o imigrante transporta consigo a mudança, vive na expectativa e tem sempre os olhos postos no futuro. Enquanto cidadão do Mundo, vê-se numa posição solitária que resulta de uma vontade exterior, seja económica, social, mental. Este filme não retrata um imigrante mas “o imigrante” que por diversos motivos procura um novo país para viver. Muitas vezes não é bem aceite no país de chegada e a realizadora crê que Portugal é ainda um país muito fechado.

Gravado no aeroporto de Lisboa, este filme expõe as expectativas de quem chega e de quem parte, trazendo consigo sonhos que, por vezes, acabam em pesadelos.

O MORGADINHO, CATARINA ALVES COSTA

Rodado durante o mês de Junho em Santo António dos Cavaleiros, em Loures, o filme centra-se numa única personagem. Esta curta-metragem apresenta-nos um imigrante da Ilha do Fogo, em Cabo Verde, tocando uma morna no violino, numa paisagem suburbana.

A realizadora procurou retratar a vida deste jovem, que chegou a Lisboa há três anos e trabalha nas obras para sobreviver. No entanto, ser violinista como o pai é a sua verdadeira vocação, tocando em festas de casamento e enterros de cabo-verdianos que vivem em Lisboa.

A LUZ AO FUNDO, MIGUEL NOGUEIRA

Filmada em Lisboa, num estúdio, durante o mês de Agosto, esta curta-metragem, ficcionada e utilizando actores, subverte a realidade da imigração colocando os portugueses no lugar de imigrantes em busca de uma

vida melhor. Enquanto muitos procuram uma alternativa fora, para muitos estrangeiros Portugal é a possibilidade de concretizar um sonho. Para Miguel Nogueira, enquanto muitos portugueses vão deixando de acreditar no seu país e de investir nele, os imigrantes que chegam constroem vidas e procuram desenvolver o país que os acolheu.

LINO BICARI – FALAR CLARO!, PEDRO PAIVA

O filme conta com uma única personagem, a do próprio título. Rodado em Odivelas, em casa de Lino Bicari, durante o mês de Julho, procura revelar um pouco da vivência deste antigo missionário italiano enquanto esteve na Guiné-Bissau durante a Guerra Colonial. Ajudando as comunidades na área da saúde e da educação, Lino Bicari viajou posteriormente para Angola, Moçambique e Cabo Verde, antes de vir para Portugal. Para Pedro Paiva, cada imigrante é um “caso único”, com diferentes perspectivas, que procura melhorar a sua vida, deslocando-se para outro lugar. Essa partida implica a deslocação física, mas também mental, social e emocional. E lembra que qualquer pessoa que viva desenraizada, até no seu próprio país, pode ser um imigrante.

SUU URGULUG, JOANA PINHO NEVES

Suu Urgulug é um ritual que significa “lançamento de leite” e pretende atrair felicidade para as pessoas amadas. Título do filme de Joana Neves, que foi rodado durante Junho e Julho no Jardim da Estrela e na Escola Secundária Gil Vicente, gira em torno de Unujargal, filha de imigrantes da Mongólia. Residentes em Portugal há dois anos, Unujargal é a única dos três a falar português, carregando consigo a esperança, a força de vontade e a determinação de toda a família.

Joana Neves crê que os imigrantes são uma espécie de “super-heróis de histórias menos poéticas” que procuram, movidos por uma infinita esperança, a oportunidade de renascer para uma vida melhor. ■



Suu Urgulug, Joana Pinho Neves



Nuno Vieira

PROGRAMAÇÃO ARTÍSTICA EM ANFITEATRO RENOVADO

Contra-Banzo, o quinteto multiétnico do saxofonista brasileiro Alípio Neto, marcou o início de um conjunto de eventos realizados no Anfiteatro ao Ar Livre no âmbito do Fórum Gulbenkian Imigração.

Um espectáculo de rap protagonizado por Chullage, um monólogo de Natasha Marjanovic encenado por José Carlos Garcia, um concerto de hip-hop de D-Mars e uma apresentação final de música e moda num projecto de Lidija Kolovrat e Kalaf animaram os fins-de-semana de Setembro na Fundação. Estes espectáculos estrearam a nova cobertura amovível instalada no Anfiteatro, constituída por uma “concha acústica” e material de amplificação de som e iluminação de cena.

Dotada de grande versatilidade de utilização, a estrutura metálica suspensa em dois “mastros” permite a visibilidade total dos edifícios, jardim e lago envolventes a partir da plateia. A autoria do projecto é da arquitecta Teresa Nunes da Ponte. ■



Pauliana Pimentel

Natasha Marjanovic

A IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTECA NA ESCOLA



Alberto Manguel abriu o Seminário Internacional sobre Bibliotecas Escolares, no dia 25 de Setembro, na Fundação Calouste Gulbenkian. O ensaísta, tradutor e editor dissertou sobre “Cómo Pinocho aprendió a ler”, na presença da ministra da Educação, Maria de Lurdes Rodrigues, do presidente da Fundação, Emílio Rui Vilar e do administrador, Eduardo Marçal Grilo. Ao longo do dia, quase mil pessoas debateram a relação entre o sucesso escolar e a existência de bibliotecas e centros de ensino bem equipados e geridos. Participaram também no evento José António Calixto, comissário do seminário, que em 1996 fez parte da comissão interministerial para o desenvolvimento da Rede de Bibliotecas Escolares em Portugal, Keith Curry Lance, director da Library Research Service de Denver e Dorothy Williams, coordenadora do Department for Information Management da Aberdeen Business School. ■



NOVOS TALENTOS DA MATEMÁTICA

Grupo reunido no 6.º Encontro Nacional do Programa Novos Talentos em Matemática que decorreu no Luso, de 8 a 10 de Setembro. O objectivo destes encontros anuais é dar oportunidade aos bolseiros de todo o país de se conhecerem e trocarem experiências sobre os respectivos ambientes académicos, fazer um balanço do trabalho desenvolvido no âmbito do Programa e realizar sessões de discussão científica envolvendo todos os participantes (bolseiros e tutores).

CICLO A CIÊNCIA E A CIDADE

A ALIMENTAÇÃO



No dia 11 de Outubro vão sentar-se lado a lado no Auditório 2 da Fundação Gulbenkian, às 18h00, um professor doutorado em Química (bioinorgânica), uma farmacêutica e um chefe de cozinha. A uni-los, em mais uma sessão do ciclo A Ciência e a Cidade, está o interesse pela discussão em torno da alimentação, essa função vital para o ser humano que é também um indicador da história de um país, de uma cultura e até da sua organização social. De que forma a cidade, enquanto corpo multifacetado e em mutação permanente, influencia a alimentação? Como pode a ciência explicar e dar um contributo para uma melhor compreensão da nutrição e dos alimentos? Haverá uma globalização da comida? Para o orador principal desta sessão, José Moura, “hoje em dia, a multiculturalidade existente numa cidade como Lisboa permite-nos uma imensa panóplia de sabores”, além da diversidade cultural e da atitude perante a comida. Fausto Airoidi, chefe de cozinha, considera que a cidade é precisamente “um dos lugares que permite a educação do gosto, do paladar, uma vez que apresenta inúmeras possibilidades de experimentar outras gastronomias”. E acrescenta que a “comida portuguesa é mediterrânica e equilibrada” e só se torna pesada se as quantidades forem alteradas, numa sociedade

que muitas vezes prefere a abundância à qualidade. Cristina Cunha, farmacêutica hospitalar, sublinha os efeitos dos maus hábitos alimentares, os excessos e os desequilíbrios na saúde dos portugueses e lembra que “também morremos pelo que comemos”. Os excessos e as carências, o *slow food* versus *fast food*, a distribuição de alimentos nas grandes superfícies e as diferenças relativamente ao pequeno comércio vão estar presentes na intervenção inicial do José Moura, que refere: “Há uma diminuição, e até perda, do hábito de sentar-se à mesa enquanto momento de convívio com a família e os amigos.” Apesar das mudanças negativas dos últimos anos, e muitas vezes da opção pela comida rápida, congelada e enlatada, Fausto Airoidi verifica alguns sinais de mudança: “Há uma maior preocupação com o que é orgânico e fresco, porque estão mais atentos à saúde e à estética. Este retorno leva a que as pessoas procurem o campo na cidade.” Tratar as patologias dos doentes, ajudá-los a superar deficiências através de nutrientes presentes nos alimentos, é tarefa para um farmacêutico hospitalar. Cristina Cunha salienta que a alimentação ou a medicação feitas num hospital “não são equivalentes ao facto de o doente poder comer, nada substitui os alimentos na totalidade”. ■

A FUNDAÇÃO APOIA CURSO DE INICIAÇÃO À CIRURGIA

A Fundação Calouste Gulbenkian concedeu 12 mil euros ao Instituto de Formação Avançada da Faculdade de Medicina de Lisboa para a realização do V Curso Pós-Graduado de Aperfeiçoamento “Iniciação à Cirurgia”. A pós-graduação, com o acompanhamento do Royal College of Surgeons of England e direcção do professor Fernandes e Fernandes, vai decorrer no Serviço de Cirurgia Experimental do Hospital de Santa Maria. Importante para a formação de jovens cirurgiões, o curso tem tido apoio regular da Fundação, com avaliações muito positivas. ■

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TRATAMENTO DA DOR

No seu quinto ano consecutivo, a pós-graduação em Tratamento da Dor, da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, é comparticipada pela Fundação Calouste Gulbenkian com 11.500 euros. Esta é uma prática clínica de grande importância, que merece uma atenção crescente. Numa parceria iniciada há sete anos, a Fundação Gulbenkian e a Faculdade de Medicina da Universidade do Porto organizaram um Programa Integrado da Dor, com uma componente clínica e uma componente de investigação, durante três anos. Deste programa resultaram várias iniciativas, entre elas o curso anual “Pós-Graduação na Dor”, subsidiado pela Fundação. O preenchimento total das 30 vagas, a assiduidade dos candidatos e a avaliação final comprovam o seu sucesso. ■

APRENDER A DESENHAR NO MUSEU

O Museu Calouste Gulbenkian, promove, a partir de Novembro, aos sábados de manhã, o workshop Desenho no Museu. Organizado em colaboração com o Ar.Co – Centro de Arte e Comunicação Visual, o programa deste curso centra-se em exercícios de desenho relacionados com obras da colecção do Museu. O workshop é orientado por António Marques e João Catarino. As inscrições encontram-se abertas no Ar.Co. (tel. 21 880 10 10; fax. 21 887 02 61; e-mail: secretaria@arco.pt) ■

GALERIA DE ARTE EGÍPCIA DO MUSEU GULBENKIAN REMODELADA

A Galeria de Arte Egípcia do Museu Gulbenkian esteve encerrada durante o mês de Setembro para remodelação das vitrinas, reabrindo este mês. As necessidades de conservação de uma colecção com peças de grande qualidade, algumas com perto de 5 mil anos de existência, e que exigem níveis de temperatura e humidade muito controlados, tornou imperiosa esta intervenção.

O projecto de remodelação teve a preocupação de respeitar o desenho inicial da sala, adoptando novos requisitos e materiais. A nova iluminação devolveu ao espaço o seu ambiente íntimo e misterioso.

Também durante este mês será lançado o novo Catálogo de Arte Egípcia da Colecção Calouste Gulbenkian, a cargo do egiptólogo Luís Manuel Araújo, professor da Faculdade de Letras de Lisboa. Estas acções integram-se nas comemorações do 50º aniversário da Fundação Calouste Gulbenkian. ■



NOVOS PRODUTOS

Para reforçar a divulgação das colecções e actividades da Fundação, foram lançadas duas novas linhas de produtos, à venda na loja da sede desde Julho. Com inspiração nos jardins e edifícios, novos produtos vão ser disponibilizados até ao final do ano. Para já, apresentam-se os objectos de papelaria, peças de bijuteria e uma gama de quatro aromas a conhecer.



LINHA GULBENKIAN

Integra produtos inspirados no Edifício-sede, celebrando a proposta do Instituto de Património (IPPAR) de reconhecimento do conjunto arquitectónico da Fundação como monumento nacional.

Nos produtos de papel, blocos e cadernos de vários formatos, destacam-se pormenores dos materiais de construção como o betão, o cobre e o latão oxidado. Nos acessórios de moda, abunda a prata e o cobre, em colares, alfinetes, brincos e anéis, colecção exclusiva desenhada pela escultora Ana Fernandes.

LINHA JARDIM

Rosa, verbena, pinho e romã são as quatro fragrâncias eleitas entre as 240 espécies do jardim. As quatro gamas exclusivas da Fundação são produzidas pela centenária fábrica Saboaria e Perfumaria Confiança, propondo sabonetes de vários formatos, sais de banho e velas aromáticas. Uma oportunidade para experimentar, através dos sentidos, o Jardim e as suas espécies, numa redescoberta deste espaço único na cidade de Lisboa. A retratar os humores sazonais do jardim há quatro lenços de seda, na linha "As 4 Estações". O desenho gráfico dos lenços remete para os vários tipos de folhas, nas suas mudanças ao longo das estações do ano. ■



CINEMA E PROPAGANDA

Nome: Maria João Estêvão *

Idade: 23 anos

Área: História



PORQUE OPTOU PELO KING'S COLLEGE?

A opção pelo King's College foi razoavelmente simples. Quando terminei a licenciatura na Universidade de Lisboa, queria sair de Portugal por uns tempos e, como sempre gostei muito de Londres, esta cidade estava no topo da minha lista. Aqui os master degrees têm a duração de um ano e pensei que seria uma experiência interessante vir para cá estudar. Candidatei-me ao mestrado em História Contemporânea no King's College, que conhecia, naturalmente, pela sua reputação, e entrei. Encontrei aqui um ótimo ambiente académico, assim como um corpo estudantil muito interessante e activo. Gostei muito da experiência e, a partir daí, a escolha não foi complicada: queria continuar o trabalho que tinha iniciado no mestrado e expandi-lo e, no King's, teria a possibilidade de trabalhar num excelente departamento de Estudos Portugueses, para onde transitei, e, ao mesmo tempo, de continuar aqui em Londres. Foi o único sítio aonde apresentei uma candidatura para ingresso num programa de doutoramento. Como está a correr? Até agora, mais ou menos como eu esperava.

QUE TEMA PRETENDE DESENVOLVER?

Estou a desenvolver um trabalho sobre o uso da imagem cinematográfica como forma de propaganda política durante o período da Guerra Colonial. Neste momento, concentro-me em documentários e séries noticiosas desse período e no uso que se fazia deles em tempo de guerra. Quero ver como se conjugavam texto e imagem, o que se permitia mostrar e dizer, e como tudo isso trabalhava para transmitir uma determinada posição, num período em que o regime português estava sujeito a uma grande pressão, tanto interna como externa. Este trabalho ainda está muito no seu início.

Sempre achei o século XX bem interessante, por essa variedade de fontes que temos ao nosso dispor.

Como gosto muito de cinema e, confesso, passo muito tempo livre nas salas de cinema, o uso de filmes no meu trabalho sempre me pareceu algo natural e quase inevitável. Por outro lado, julgo que o tema do uso de imagens num período de guerra não poderia ser mais actual. Tudo isso contou na escolha da temática a desenvolver.

E DAQUI PARA A FRENTE?

Ainda tenho pela frente mais de dois anos de estudo em *full time*. O desenvolvimento do meu projecto de doutoramento ocupa a maior parte do meu tempo e é nisso que me concentro de momento. Claro que gostaria de continuar envolvida em projectos de investigação, mas, numa área tão incerta como é a História, tenho que tentar aproveitar todas as oportunidades que vão surgindo. ■

** bolsista do Serviço de Educação e Bolsas a preparar doutoramento no King's College, Universidade de Londres*

A IMPORTÂNCIA DA ARTE PÚBLICA

Nome: Maria Ana Carneiro*

Idade: 25 anos

Área: Gestão das Artes



QUE AVALIAÇÃO FAZ DA SUA EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA EM LOS ANGELES?

O mestrado de Arte Pública na University of Southern California ofereceu-me a oportunidade de frequentar um programa único de dois anos, englobando quatro semestres de aulas, estágios orientados (Los Angeles Music Center e Not a Cornfield), projectos de tese e ainda rigorosas experiências interdisciplinares em administração de arte pública (Bloom Art Walk e organização de uma visita de estudo a Lisboa e Barcelona). O contacto com alunos e professores com diversos *backgrounds* e experiências profissionais forneceu uma constante aquisição de conhecimentos, capacidades e experiências em liderança de arte comunitária, em planeamento cultural, em administração e gestão de arte pública e políticas urbanas. Um discurso crítico, centrado na intersecção de comunidade e cultura, deixou um legado de dedicação à arte pelo fortalecimento de comunidades, pelo aprofundamento da identidade cívica e pela participação no progresso do campo da arte pública.

QUAL O TEMA QUE DESENVOLVE?

Arte Pública na cidade contemporânea contribui para a formação de espaços cívicos, promovendo o enriquecimento cultural e o acesso e participação de arte contemporânea em espaços considerados democráticos e públicos. Através do diálogo e cooperação de disciplinas, Arte Pública contribui para a formação de imagens, imaginários e consequentemente de identidade do espaço em que opera. Fomentar o carácter simbólico deste conceito contribui para o desenvolvimento de processos de significado e de organização urbana, perspectivando, neste sentido, adequadas políticas de sustentabilidade.

PROJECTOS FUTUROS...

Iniciar o programa de doutoramento – “Espacio Público e Regeneración Urbana: Arte y Sociedad” –, na Universidade de Barcelona, em Novembro de 2006, e manter um

programa de intercâmbio entre esta última e a University of Southern California, no qual ambas as universidades desenvolvem projectos conjuntos através de *distance learning*. Os objectivos destes projectos centram-se em: seleccionar ferramentas informativas de distintos aspectos que afectem a construção do espaço público, do ponto de vista do território e da sua história, da sociedade e da arte; desenvolver capacidade crítica relativamente a opções de intervenção artística e social no espaço público, remetendo para a análise da possibilidade de desenvolvimento de processos activos de participação e de cidadania; estabelecer o contraste entre uma variedade de abordagens metodológicas, que complementem a utilização de um discurso teórico que, por sua vez, considera a interdisciplinaridade dos vários pontos de vista existentes sobre espaço público, arte pública, desenho urbano e práticas de regeneração urbana. ■

* bolsista do Serviço de Belas-Artes, em conjunto com a FLAD, a frequentar mestrado na University of Southern California

ESTATUETA DE BÉS EGIPTO

Dignidade, serenidade, harmonia, são qualidades que imediatamente nos impressionam ao sermos confrontados com esta estatueta que, na sua monumentalidade, facilmente aguentaria uma ampliação de escala.

Graças às inscrições gravadas em hieróglifos no ombro, no saiote e nas costas da escultura, ficamos a saber que o personagem representado, Bés de seu nome, foi alto funcionário da corte do rei Psametek I, fundador da XXVI dinastia do Antigo Egipto, sendo descrito como “governador do povo para todos os assuntos”, o que lhe confere poder e eficiência.

A matéria utilizada na execução da escultura foi escolhida também em sintonia com as suas características de pureza e harmonia formal. Trata-se de um calcário compacto de grão muito fino, que se assemelha ao mármore. A perfeição do acabamento denota um perfeito domínio da técnica, características do período saíta, em que se verifica um retorno à simplicidade primitiva da arte egípcia, nos seus períodos mais pujantes.



A própria posição escolhida para a apresentação de Bés – sentado sobre um plinto rectangular com as pernas cruzadas em posição assimétrica – uma posição que lembra a dos escribas, com a mão esquerda pousada sobre o joelho e a direita segurando o saiote, retoma uma pose natural e de um certo à-vontade, muito popular no Império Antigo (c. 2649-2150 a. C.), ou seja, quase dois mil anos antes. Não é por acaso que o período saíta é frequentemente mencionado como “Renascimento saíta”. ■

Estatueta de Bés

*Egipto, Época Baixa (período saíta)
Início da XXVI dinastia, 664-610 a C.
Calcário compacto, alt. 32,2 cm.
Museu Calouste Gulbenkian, Inv. 158*

JOSÉ PEDRO CROFT

S/ TÍTULO

“laboriosamente teceu a memória dos anos que lhe restavam. teceu-a numa perfeição de sentidos que só o cego conhece dentro da lucidez da sua treva. / levantava a mão, estendia-a para o nada, tocava tudo o que imaginava. / por vezes, abria os olhos e via os móveis desconjuntados, o tapete velho, as estantes com livros, as cadeiras, a mesa, as flores secas; e, de olhos abertos, sorria com o que sonhava. / depois morreste.”

(Al Berto in Canto do Amigo Morto, Europália 91)

Éa partir da memória desses espaços quotidianamente habitados, como sejam a casa ou o ateliê, das tensões criadas pela familiaridade aparente dos objectos neles contidos e que apenas casual e transitoriamente são tocados, que José Pedro Croft realiza uma série de esculturas com objectos acoplados em 1993. A obra em destaque foi uma das duas exibidas por ocasião da sua exposição monográfica realizada em 1994, pelo Centro de Arte Moderna (a partir da qual passou a integrar a colecção). Esfera-branca-de-gesso-sobre-mesa-de-madeira-inclinada preconiza, em conformidade geracional, uma crítica à ideia de monumento, categoria fundamental da tradição escultórica ocidental. Obedecendo a uma lógica compósita convencional, em que o pedestal (entenda-se a mesa como corpo/base/coluna de sustentação) suporta, eleva e nobilita a matéria esculpida (gesso marcado pelo gesto ritmado da modelagem), o artista provoca, simultaneamente, na subversão da lógica gravitacional do conjunto, a eminência da sua ruína.

Suspense que se encontra o frágil equilíbrio das forças direccionais dos corpos justapostos, em dramática competição espacial, o desmoronamento é inevitável. Cristalizando o momento prévio ao encontro da Escultura com o Chão, a obra contém o desejo desse encontro no anúncio inquieto da previsibilidade da queda – de si, do passado, da história, da memória. Fortemente arquitectónica, a peça sustenta provisórias relações de espaço, na fronteira



projectada em luz e sombra na parede, e questiona, na encenação da sua economia binária, o sentido da instalação. Binária na conjugação alquímica de dois elementos paralelos, mas extraordinariamente diversos. Contendor e conteúdo, os seus elementos negam e simultaneamente confirmam a qualidade escultórica dos próprios materiais. As suas características duais (orgânico e inorgânico, expressivo e inexpressivo, pesado e leve, claro e escuro, imperfeito e perfeito, velho e novo, sensual e preciso, figurativo e abstracto, trivial e aurático) constituem paradoxos estruturais que, surpreendentemente, harmonizam e ordenam a sua presença. A eficácia minimal da esfera branca, depósito reflector de matéria lumínica, traduz-se na percepção de um tempo e de um espaço de envolvimento protegido, uma experiência emocional silenciosa e ritual. Sem retorno à extrema estranheza da experiência do fúnebre (característica de obras da década de 80), assiste-lhe uma austera sacralidade monumental que, se não caminha para a morte, se dirige, solenemente, ao eterno. ■

José Pedro Croft

S/ Título, 1993

Madeira, gesso

170 x 110 x 130

Nº inv.: 94 E 349

A GRAMMAR OF JAPANESE ORNAMENT AND DESIGN

A pesar de os portugueses terem estabelecido os primeiros contactos com o Império do Sol Nascente no século XVI e de, nos séculos seguintes, mercadores holandeses terem sido autorizados a aí manter algumas actividades comerciais, até à assinatura do Tratado de Kanagawa, em 1854, o Japão viveu vários séculos de isolamento voluntário em relação ao mundo ocidental. Em consequência deste acontecimento, os portos japoneses abriram-se ao exterior, e à Europa foi dada a oportunidade de “redescobrir” e de se encantar com a arte e a cultura nipónicas. Este gosto do Ocidente pela arte do Extremo-Oriente tinha, aliás, começado a desenvolver-se logo no século XVI, sobretudo com as porcelanas e as lacas chinesas, alargando-se no século XVIII à arquitectura. As exposições universais que se realizaram a partir de 1851, vieram ajudar a difundir rapidamente esse gosto junto do público e a transformá-lo numa moda. O “japonismo” – termo criado pelo crítico, coleccionador e impressor francês Philippe Burty, em 1872, que designa a influência que a arte japonesa veio a desempenhar nas obras de artistas ocidentais da segunda metade do século XIX – impôs-se a partir das exposições de 1862 (Londres) e de 1867 (Paris). Por estes anos, surgiram também na capital francesa algumas lojas que comercializavam diversos objectos artísticos japoneses – leques, quimonos, bronzes, lacas, gravuras – e que funcionavam como lugares de encontro para artistas e coleccionadores da época. As qualidades estéticas da arte japonesa, patentes sobretudo nas gravuras de mestres como Hokusai e Utamaro, atraíram os impressionistas e os pós-impressionistas.



Édouard Manet, James Whistler, Edgar Degas e Vincent van Gogh, também coleccionadores de gravuras japonesas, foram alguns dos artistas que, influenciados por essas qualidades, vieram a introduzi-las em algumas das suas pinturas.

Todo este entusiasmo pela arte japonesa provocou igualmente a edição, quer em França, quer em Inglaterra, de numerosos títulos que ajudaram a divulgá-la. Um dos livros que na época foi mais utilizado como manual e guia de inspiração, sobretudo para os elementos decorativos, foi *A Grammar of Japanese Ornament and Design*, da autoria do arquitecto inglês Thomas William Cutler (1842-1909). Editado em Londres, em 1880, esta obra apresenta uma capa de clara inspiração oriental, contendo capítulos sobre arquitectura, pintura e as diversas artes decorativas no Japão, acompanhados por numerosas ilustrações. Homem do seu tempo, Calouste Gulbenkian também se interessou pela arte do Extremo-Oriente, reunindo na sua biblioteca diversos títulos sobre a arte oriental em geral e a japonesa em particular, entre os quais se encontra esta obra de Thomas Cutler. ■

TÍTULO/ RESP **A grammar of Japanese ornament and design** with introductory, descriptive and analytical text / by Thomas W. Cutler

PUBLICAÇÃO London : B. T. Batsford, 1880

DESCR. FÍSIC [4], XI, 31 p., [65] p. il. : il., estampas ; 39 X 30 cm

PROVENIÊNCIA Colecção Calouste Gulbenkian – Documentação

COTA(S) E-DC 2 RES

AGENDA

OUTUBRO

EXPOSIÇÕES

Horário de abertura das exposições, das 10h00 às 18h00 [encerradas às segundas-feiras]

As visitas guiadas para turistas no Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão e para grupos [mínimo 10 e máximo 20 pessoas] requerem marcação prévia para o tel. 21 782 36 20 [€60 por grupo em língua estrangeira e €50 por grupo nacional].

11 OUTUBRO ATÉ 7 JANEIRO 2007

GRAVURA

JOSÉ PEDRO CROFT

Visita-conversa: 14, sábado, 15h00, por Ana Gonçalves
CAMJAP, Galeria de Exposições Temporárias
Entrada livre



15 OUTUBRO ATÉ 29 ABRIL 2007

A FUNDAÇÃO INSTALAÇÃO

PEDRO CABRITA REIS

Visita-conversa: 22, domingo, 12h00, por Carlos Carrilho
CAMJAP, piso 0

26 OUTUBRO ATÉ 7 JANEIRO 2007

MUNDOS DE SONHO

GRAVURAS E PINTURAS JAPONESAS MODERNAS
DA COLEÇÃO ROBERT O. MULLER

Sala de Exposições Temporárias do Museu

AINDA PODE VER...

ATÉ 8 OUTUBRO

O GOSTO DO COLECCIONADOR.

CALOUSTE S. GULBENKIAN (1869-1955)

Galeria de Exposições Temporárias da Sede
Entrada livre

ATÉ 8 OUTUBRO

DE PARIS A TÓQUIO.

ARTE DO LIVRO NA COLEÇÃO GULBENKIAN

Sala de Exposições Temporárias do Museu
Entrada livre

ATÉ 15 OUTUBRO

770, RUA VIGOROSA, PORTO

DOMINGUEZ ALVAREZ

Visita-conversa: 15, domingo, 12h00, por Ana Vasconcelos
Melo e Emília Ferreira
Sede da Fundação, piso 01
Entrada livre

ATÉ 31 DEZEMBRO

BOOK CELL INSTALAÇÃO

Matej Krén
CAMJAP, Hall
Entrada livre

ATÉ 29 ABRIL 2007

HUMOR E ILUSTRAÇÃO

NA COLEÇÃO CAMJAP

CAMJAP, piso 01

ATÉ 29 ABRIL 2007

A PARTIR DA COLEÇÃO

CAMJAP, piso 01



ATÉ JULHO 2007

UMA OBRA EM FOCO A ESCULTURA BACO DE MICHAEL RYSBRACK (1693-1770)

Galeria da Exposição Permanente do Museu

VISITAS TEMÁTICAS NO CAMJAP

Entrada livre. Não é necessária marcação prévia.

CICLO GÊNEROS E MODOS

7, SÁBADO, 15H00

O peso e a leveza: a matéria como discurso,
por Susana Anágua

8, DOMINGO, 12H00

A linha e o traço: o desenho como princípio,
por Hilda Frias

28, SÁBADO, 15H00

*Auto-retrato na arte contemporânea:
percursos em torno do EU,* por Carla Mendes

29, DOMINGO, 12H00

*Outras matérias-primas: o registo da memória
na matéria inerte,* por Susana Anágua

CICLO VISÕES E ACASOS

1, DOMINGO, 12H00

Visões e acasos: a experiência do visitante,
por Lígia Afonso e Carlos Carrilho

CICLO ZONAS DE CONTACTO

21, SÁBADO, 15H00

Arte e artistas, por Sandra Vieira Jürgens

CICLO ENCONTROS IMEDIATOS

CONVERSAS À HORA DO ALMOÇO

13, SEXTA, 13H15

*Amadeo de Souza-Cardoso, Retrato de Homem
(c. 1913/14) - encontros com o retrato,* por Hilda Frias

27, SEXTA, 13H15

*Gaëtan, Agnus Dei (olhos castanhos, camisa
aberta), 1996/97 - encontros com o retrato,*
por Carla Mendes

MÚSICA

4, QUARTA, 19H00

CICLO DE CANTO

Anne Sofie von Otter MEIO-SOPRANO
Bengt Forsberg PIANO E TECLADOS
Georg Wadenius GUITARRAS
Torbjörn Näsborn VIOLINO E NYCKELHARPA
Anders Jakobsson VIOLINO
Pär Näsborn VIOLINO
Svante Henryson VIOLONCELO E BAIXO
Bebe Risenfors ACORDEÃO
Pär Grebacken SOPROS
Magnus Persson PERCUSSÃO
Brollan Söderström ELECTRÓNICA
Benny Anderson, Bjorn Ulvaeus, ABBA, Kurt Weill
Grande Auditório

10, TERÇA, 19H00

CICLO GRANDE ORQUESTRAS MUNDIAIS

ORQUESTRA DO SÉCULO XVIII

Frans Brüggen MAESTRO
Carolyn Sampson SOPRANO
Teunis van der Zwart TROMPA
Wolfgang Amadeus Mozart
Nos 250 anos do nascimento de Wolfgang Amadeus Mozart
Fundação Calouste Gulbenkian/BPI
Grande Auditório

12, QUINTA, 21H00

13, SEXTA, 19H00

ORQUESTRA GULBENKIAN

Lawrence Foster MAESTRO
Viktoria Mullova VIOLINO
Zoltán Kodály, Béla Bartók, Joly Braga Santos
Grande Auditório

15, DOMINGO, 12H00

CONCERTOS DE DOMINGO

CICLO BOLSEIROS DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Pedro Silva Rodrigues VIOLINO
Mateja Gruntar PIANO
Ludwig Van Beethoven, Sergei Prokofiev, Pablo Sarasate
Átrio da Biblioteca de Arte
Entrada livre

15, DOMINGO, 19H00

CICLO DE MÚSICA ANTIGA

ORQUESTRA BARROCA DA UNIÃO EUROPEIA

Christophe Coin VIOLONCELO E DIRECÇÃO
Lidewij van der Voort VIOLINO
Pietro Antonio Locatelli, Antonio Vivaldi, Pietro Antonio Locatelli, Evaristo Felice Dall'Abaco, Pieter Hellendaal, Francesco Geminiani
Grande Auditório

17, TERÇA, 19H00

CICLO DE CANTO

Barbara Hendricks SOPRANO
Love Derwinger PIANO
Gabriel Fauré, Gustav Mahler, Francis Poulenc, Arnold Schönberg, Kurt Weill
Grande Auditório

19, QUINTA, 21H00

20, SEXTA, 19H00

ORQUESTRA GULBENKIAN

Lawrence Foster MAESTRO
Elena Bashkirova PIANO
David Lefèvre VIOLINO
Pedro Ribeiro OBOÉ
Johann Sebastian Bach, Ludwig van Beethoven, Gunther Schuller, Aaron Copland
Grande Auditório

21, SÁBADO, 19H00

CORO GULBENKIAN

Jorge Matta MAESTRO
Fernando Lopes-Graça
No centenário do nascimento de Fernando Lopes-Graça
Grande Auditório

29, DOMINGO, 19H00

ORQUESTRA GULBENKIAN

Lawrence Foster MAESTRO
Daniel Barenboim PIANO
Michael Barenboim VIOLINO
Kyril Zlotnikov VIOLONCELO
Ludwig van Beethoven, Arnold Schönberg, Franz Liszt
Grande Auditório



30, SEGUNDA, 19H00

CICLO DE PIANO

Evgeni Kissin PIANO
Franz Schubert, Ludwig van Beethoven, Johannes Brahms, Fryderyk Chopin
Grande Auditório

31, TERÇA, 19H00

CICLO DE CANTO

Matthias Goerne BARÍTONO
Eric Schneider PIANO
Gustav Mahler, Alban Berg, Richard Wagner
Grande Auditório

EVENTOS

CICLO A CIÊNCIA E A CIDADE

11, QUARTA, 18H00

A CIÊNCIA E A CIDADE: A ALIMENTAÇÃO

José Moura, *Universidade Nova de Lisboa*

Comentadores:

Cristina Cunha, *farmacêutica*

Fausto Airoldi, *chefe de cozinha*

Auditório 2

FÓRUM CULTURAL O ESTADO DO MUNDO

12, QUINTA, 18H30

CONFERÊNCIA INAUGURAL

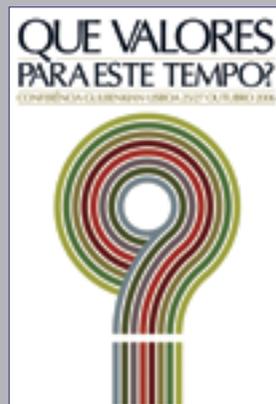
Professor Homi K. Bhabha

LANÇAMENTO DO LIVRO O ESTADO DO MUNDO

Este livro tem as contribuições de Carlos Pacheco, Colin Richards, Ghassan Zaqtan, João Barrento, John Frow, Moira Simpson, Paul Gilroy, Peter Sloterdijk, Rosângela Rennó, Santiago Kovadloff, Surendra Munshi e Wang Hui, é apresentado por Emílio Rui Vilar e tem uma introdução de António Pinto Ribeiro.

Auditório 2

Entrada Livre



CONFERÊNCIA GULBENKIAN

QUE VALORES PARA ESTE TEMPO?

25 A 27, QUARTA A SEXTA

Depois do ciclo dedicado ao tema genérico Conflito e Cooperação nas Relações Internacionais e em ano de comemorações do cinquentenário, a proposta de reflexão incide sobre a crise geral de sentido da sociedade contemporânea. Robert Kagan, Peter Sloterdijk, Hubert Damisch, Henry Atlan, Philippe Dagen e Jean-Pierre Dupuy são alguns dos especialistas internacionais que participam na conferência, promovida pelo Gabinete do Presidente e ainda desenhada nas suas linhas fundamentais por Fernando Gil.

Auditório 2

COLÓQUIO VISÍVEL INVISÍVEL

HOMENAGEM A REMBRANDT 1606-2006

30 E 31, SEGUNDA E TERÇA

No ano das comemorações do aniversário dos 400 anos do nascimento de Rembrandt, o Museu Calouste Gulbenkian realiza um colóquio multidisciplinar dedicado ao grande artista holandês do séc. XVII e ao seu tempo. A iniciativa surge da proposta do Professor Carlos Couto Sequeira Costa e conta com a participação dos especialistas Tzevetan Todorov, Mario Perniola, Victor Stoichita, Mário Jorge Torres, Johannes Stükelberger, Eduardo Batarda, Rui Vieira Nery e Carlos Couto Sequeira Costa.

Sala 1

PARA OS MAIS NOVOS

PROGRAMAS ESPECÍFICOS PARA AS ESCOLAS

NO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN:

Marcação prévia, tel. 21 782 34 22; 21 782 34 57; fax 21 782 30 32
dcerqueira@gulbenkian.pt
www.museu.gulbenkian.pt

VISITAS ESCOLARES ÀS EXPOSIÇÕES

NO CAMJAP

Marcação prévia, de segunda a sexta-feira
das 15h00 às 17h00
tel. 21 782 36 20; fax 21 782 30 61
cam-visitas@gulbenkian.pt

ATELIÊS E VISITAS-ATELIÊS NO CAMJAP

Marcação prévia, de segunda a sexta-feira
das 10h00 às 12h30 e das 15h00 às 17h00
tel. 21 782 34 77; fax 21 782 30 61
cam-visitas@gulbenkian.pt

CENTRO DE ARTE MODERNA JOSÉ DE AZEREDO PERDIGÃO

1, DOMINGO

IDEIAS IRREQUIETAS

A PRINCESA QUE BOCEJAVA A TODA A HORA

11h00 às 12h00 | dos 2 aos 4 anos + 1 adulto

15h30 às 17h00 | dos 5 aos 7 anos

Histórias com arte, por Margarida Botelho e Dora Batalim
€4,50

7 E 8, SÁBADO E DOMINGO

SONS PARA UMA EXPOSIÇÃO!

7 | 15h30 às 17h30 | dos 6 aos 10 anos

8 | 10h30 às 12h30 | dos 4 aos 6 anos + 1 adulto

Oficina, em torno da exposição *A Partir da Coleção*,
por Patrícia Craveiro Lopes e Marco Franco
€5

14 E 15, SÁBADO E DOMINGO

DENTRO DE UMA PINTURA!

14 | 15h30 às 17h30 | dos 6 aos 10 anos

15 | 10h30 às 12h30 | dos 4 aos 6 anos + 1 adulto

Oficina, em torno da exposição de Dominguez Alvarez,
por Cristina Gameiro
€5

21, SÁBADO, 15h30 às 16h30

JOVENS PERCURSOS PELA ARTE:

PALAVRAS NA MÃO, OBRAS EM CONSTRUÇÃO!

Visita-jogo, por Vera Alvelos e Adriana Pardal,
dos 6 aos 10 anos
€4

22, DOMINGO

IDEIAS IRREQUIETAS

A PRINCESA QUE BOCEJAVA A TODA A HORA

11h00 às 12h00 | dos 2 aos 4 anos + 1 adulto

15h30 às 17h00 | dos 5 aos 7 anos

Histórias com arte, por Margarida Botelho e Dora Batalim
€4,50

28 E 29, SÁBADO E DOMINGO

SONS PARA UMA EXPOSIÇÃO!

28 | 15h30 às 17h30 | dos 6 aos 10 anos

29 | 10h30 às 12h30 | dos 4 aos 6 anos + 1 adulto

Oficina, em torno da exposição *A Partir da Coleção*,
por Patrícia Craveiro Lopes e Marco Franco
€5

MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

28, SÁBADO, 14h30 às 16h30

29, DOMINGO, 10h30 às 12h30

PELOS CAMINHOS DO MUSEU:

DESCOBRIR O OUTONO NO PARQUE

Por Carolina Cortesão e Paula Ribeiro,
dos 4 aos 6 e dos 7 aos 10 anos
€6

DESCOBRIR A MÚSICA NA GULBENKIAN

11, 18 E 25, QUARTA, 10h00 às 11h00

VIAGEM AO MUNDO DO SOM

Visita, dos 3 aos 5, dos 6 aos 9 e dos 10 aos 12 anos
€4

12, 19 E 26, QUINTA, 10h00 às 11h00

VIAGEM AO MUNDO DO SOM MEDIEVAL

E RENASCENTISTA

Visita, dos 3 aos 5, dos 6 aos 9 e dos 10 aos 12 anos
€4

13 E 27, SEXTA, 10h00

COMO SE FAZ UM CONCERTO?

Visita, dos 3 aos 5, dos 6 aos 9 e dos 10 aos 12 anos
€4

14, SÁBADO, 10h00 e 15h00

TUDO SE TRANSFORMA - MATERIAIS NATURAIS*

Oficina de construção de instrumentos, dos 8 aos 14 anos
€5

16 A 28, SEGUNDA A SÁBADO, 16h00

À DESCOBERTA DO CORO

Oficina de exploração vocal, dos 7 aos 12 anos
€4 [sessão]

21, SÁBADO, 10h00

CONCERTO COMENTADO [POR RUI VIEIRA NERY]

Orquestra Gulbenkian
Lawrence Foster MAESTRO
Elena Bashkirova PIANO
Beethoven, Schuller, Copland
A partir dos 10 anos
€5

Grande Auditório

23 OUTUBRO A 4 NOVEMBRO, 10h00

LIGETTI - EM BUSCA DO TEMPO*

Oficina Concerto de exploração musical em torno da
música contemporânea, dos 6 aos 12 e dos 13 aos 17 anos
[aos sábados dos 6 aos 12 anos]
A propósito dos Concertos (Im)previstos e da instalação
de Matej Krén no CAM
€5 [sessão]

24 A 27, TERÇA A SEXTA, 13h30

28, SÁBADO, 16h00 [CAMJAP]

CONCERTOS (IM)PREVISTOS*

A partir da instalação de Matej Krén, todas as idades
Entrada livre

*evento associado ao programa educativo do CAMJAP

PUBLICAÇÕES



INTRODUÇÃO À PSICOPATOLOGIA COMPREENSIVA, 4ª EDIÇÃO

José Luís Pio Abreu

Concebida em especial para estudantes, esta obra percorre o conhecimento da psicologia compreensiva, desde os autores clássicos até aos mais modernos, aliando a experiência de mais de vinte anos de José Luís Pio Abreu, na área da Psiquiatria. Reconhecer se um indivíduo sofre ou não de transtornos mentais é um trabalho de análise e de síntese, que o autor explica em exemplos concretos.

€5,40 | € 3,60 [estudantes]



MEMÓRIA

A primeira Conferência Internacional promovida pelo Gabinete do presidente da Fundação Calouste Gulbenkian realizou-se há 10 anos, em Maio de 1996, e foi dedicada ao tema da Europa. Edgar Morin, Susan Sontag, André Glucksman e Simon Shama foram alguns dos oradores convidados. Na foto, António Guterres, na altura primeiro-ministro, entre Luís de Guimarães Lobato e António Ferrer Correia, na sessão inaugural da conferência.



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

50
1956
2006
anos

Serviço de Comunicação
Av. de Berna, 45 A • 1067-001 Lisboa
Tel. 217 823 000 Fax 217 823 027
info@gulbenkian.pt
www.gulbenkian.pt